



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO: LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA KUABA



Retalhos da História do Povo Potyguara de Tamboril



Aldeia Viração- Tamboril -CE

Autoras



Maria Cleonice Pereira dos Santos, matricula - 406421, estudante do Curso de Licenciatura Intercultural Indigena – KUABA da Universidade Federal do Ceará - UFC



Maria Eliza Pereira dos Santos, matricula - 406426, estudante do Curso de Licenciatura Intercultural Indigena – KUABA da Universidade Federal do Ceará - UFC



Simone Rodrigues dos Santos, matricula- 406464 , estudante do Curso de Licenciatura Intercultural Indigena – KUABA da Universidade Federal do Ceará - UFC



Orientador:

Prof. Dr. Carlos Kleber Saraiva de

BANCA EXAMINADORA



Prof. Mestre em Antropologia indígenas - Cacika Irê - UFC



Prof. Suzenilson- doutorando - UNILAB

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
BREVE HISTORICO DA ALDEIA.....	6
EDUCAÇÃO INDIGENA X ESDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA	7
MUSICA E DANÇA	9
ESPIRITUALIDADE.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAL	17
REFERENCIAIS.....	18

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de uma cartilha de manifestações culturais, que apresenta o Tema: **Retalhos da História do Povo Potyguara de Tamboril**, nesta cartilha será apresentado algumas vivencias e definições sobre as manifestações culturais do povo potiguara de Viração, unindo aos projetos de ação desenvolvidos na escola Indígena Alto da Catingueira. A reafirmação da identidade étnica do Povo é uma construção que também se fortalece na escola, a Escola e um instrumento que nasceu da luta para a luta e a valorização da história e memórias do Povo.

No objetivo apresenta se as práticas vivenciadas pelo o povo Potiguara da Aldeia Viração município de Tamboril- CE. A cartilha é uma maneira de apresentar as potencialidades que tem na aldeia, a espiritualidade, rituais, pontos históricos entre outros. Inquietações são constantes quando se ver algumas práticas deixando de ser valorizadas pela a própria etnia Potyguara, que lutam bravamente pelo o fortalecimento de suas raízes.

Quando se fala do processo de manifestações culturais dos Potyguara da aldeia Viração é importante lembrar como se deu essas manifestações que vem de muitos tempos vivenciadas pelo o Povo que sempre se organizaram para lutar pelo o seu espaço entre eles a suas formas de demonstração suas crenças e valorização da sua história. Este modelo de cultura se consolida nos últimos anos e procura superar os modelos que vigoram historicamente no Brasil.

Desde da chegada dos europeus do Brasil Colônia, a manifestação culturais foi entendida como um processo de civilização, em que era apresentado um modelo de rituais que não valorizava e não reconhecia sua forma própria e neste contexto surge a Escola como uma incentivadora das pesquisas com os troncos velhos ou livros vivos e reafirmada a das práticas dos projetos desenvolvidos que no decorrer da cartilha será apresentado.

A metodologia será desenvolvida através de pesquisas em rodas de conversas, distribuídas em três momentos: escuta, registro e conclusão, com alguns seguimentos da Aldeia (Pajé, Curandeiro, Lideranças, Jovens), intercalados com os referenciais teóricos que defendem a mesma ideologia. O relatório apresentado as seguintes Seções: **UM BREVE HISTÓRICO DO POVO POTYGUARA DA ALDEIA**

**VIRAÇÃO; EDUCAÇÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INDÍGENA; MÚSICA E DANÇA
ESPIRITUALIDADE; MEDICINA TRADICIONAL E CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

BREVE HISTÓRICO DA ALDEIA VIRAÇÃO:

A aldeia viração fica localizada a 35 km do município de tamboril. Nesta aldeia contam com 30 famílias e 108 habitantes que ressume a identidade como povo indígenas da etnia Potyguara.

A primeira apreendida no contato com a igreja católica principalmente com as pastorais sociais e comunidades eclesiais de base-CEBs. Na viração temos núcleo familiares Ciana, dos Henriques, dos Raul e Marcianos. Esses afirmam que seus antepassados, assim originário de riacho do sangue, fugitivos de um massacre de índios lá ocorrido. Assegura ainda que outra parte da família veio da serra do Baturité.

Na década de 80, surge o partido dos trabalhadores no município de tamboril. No processo de fundação deste partido, a aldeia Viração esteve à frente. Orgulham-se em afirmar que foram os responsáveis pelo maior número de filiação no município.

Houveram muitas perseguições por parte do poder público municipal e as divisões internas do grupo na aldeia. Em 2001 nesta aldeia a educação escolar traz consigo uma história de embates, porém, com uma diferença, em Viração as disputas são travadas, além do poder público municipal, entre os núcleos familiares da própria aldeia.

Na sociedade contemporânea se auto afirmar pessoa indígena, é desafiante e ao mesmo tempo necessário, porque o que dá sustentabilidade a identidade do povo potiguara é a memória da história vivida pelos seus ancestrais e antepassados, que não submeteram aos apelos da elite da época. Que chegaram querendo tirar do povo desta terra as suas culturas, tradições, por não se renderem aos absurdos propostos. Muitos dos povos nativos foram mortos, torturados e outros obrigados a trabalharem como escravos. Por estes motivos muitos dos nossos povos fugiram para outra região, principalmente para as serras, onde muitos estão situados hoje.

A luta dos ancestrais se tornou questão de honra, desde o ano de 2001 viveu-se um processo de reassumir a identidade, tendo como base a memória da história dos antepassados, a origem desse povo, migração, crenças e lutas.

EDUCAÇÃO INDIGENA X EDUCAÇÃO ESCOLAR INDIGENA

A educação indígena começa no núcleo familiar onde passa por vários tipos de ensinamentos: da obediência, do respeito, a valorização da vida de um ser que respeita as crenças, o modo de viver a cultura. Dentro da Educação Infantil que começa o primeiro contato com o ambiente que fornece uma educação diferenciada da educação dada dentro dos ambientes, onde os mesmos estão acostumados a conviver. Nesse contexto, a criança adquire um conhecimento mais “popular”, mas isto não as deixa em desvantagem quando são inseridas na instituição escolar.

A primeira educação passa pela família, é onde se adquire uma base que leva o ser humano a se inserir na aldeia, nos movimentos sociais sem perder de vista a sua formação, para viver numa sociedade que valoriza a história dos antepassados levando uma base, para assim, se inserir no contexto social, se estende no convívio com os amigos, nas atividades de trabalho, no lazer, e exercida nas vivências de modo espontâneo.

Entre todos os objetivos que a escola tem, destaca-se como sendo enfoque principal a formação de sujeitos autônomos, politizados e capazes de compreender sua história e o contexto em que vivem, sem deixar perder o patrimônio cultural indígena da aldeia. Neste sentido a escola está na comunidade e a comunidade está na escola para assim fortalecer as praticas culturais que fortalecem uma educação diferenciada com qualidade.

Vale ressaltar que na aldeia as crianças valorizam os momentos de roda de contação de história, que é contada pelos sábios da comunidade, que tem uma vasta experiência vivida. Nesta socialização se dá o processo pelo qual durante toda a vida as pessoas adquirem e acumulam conhecimentos através das suas experiências diárias e da sua relação com o meio, essa educação que vem desde núcleo familiar ao chegar na escola vai tendo complemento daquilo que é repassado na família agregando a outros conhecimentos.

A educação indígena não se dar só em quatro paredes, começa em casa essa formação do conhecimento amplo que se dá em vários momentos quando se tem manifestos na rua é fechada a escola e todos os educadores e educandos dão a sua contribuição. Outro aspecto positivo é a formação da conscientização com relação ao meio ambiente, sempre tentando preservá-lo para viver em total harmonia.

A Educação escolar deu início com a necessidade vista pelos pais e por com negociação interna a primeira professora foi dona Francisca, a qual dava aula na sua própria residência. A partir de 1960, Francisco Ludugera e Raimunda Ludugera assumiram este ofício. Somente no ano de 1972 é que a prefeitura de Tamboril construiu o grupo escolar, implantou o ensino convencional, contratando Neném e Fátima como professoras. No ano de 1975, a primeira, casada com Henrique, do núcleo dos Henrique, foi afastada.

Deste quadro permaneceu até o início da década de 1980, quando a aldeia passou a se empenhar na fundação do PT. No ano de 1983, quando estavam reunidos na escola, foram expulsos por um morador da comunidade. A partir de então agilizaram a construção de um centro comunitário, que contou com recursos do sindicato dos trabalhadores rurais de Tamboril. Retiraram os filhos da sala de aula de Fátima e colocaram na sala de Sebastiana e Socorro, que nesta ocasião também eram professoras na comunidade.

Em resposta, o prefeito demitiu as duas. A demissão de Sebastiana e Socorro causaram uma revolta ainda maior nas pessoas da aldeia. Este a partir de então, retiraram as crianças da escola do município, que ficou fechada por falta de alunos. Passaram a estudar em Lagoinha distrito de Tamboril que fica distante a cinco quilômetros de Viração.

No ano de 2001 foi conquistado o direito de uma educação de qualidade, respeitando o espaço onde vivem. A luta coletiva e a identidade histórica de desafios para a construção de uma proposta pedagógica diferenciada, onde a construção coletiva e a valorização dos sujeitos que conquistaram uma escola indígena que trabalha a realidade do educando dando a ele um espaço de valorização de sua identidade e cultura, onde nesse espaço é manifestado os momentos de espiritualidade a música e dança contada e cantado pelo os sábios da aldeia que tem uma vasta experiência vivenciado na história do povo. Que vem da subsidio para as aulas no fortalecimento da história que são repassados para os alunos da aldeia.

A educação escolar indígena alto da catingueira, vem traçando ao longo da história uma trajetória de luta e desafios para a construção de uma proposta pedagógica diferenciada, onde a construção coletiva e a valorização dos sujeitos vale muito mais do que alto índices em sistemas.

Nesta aldeia a educação escolar traz consigo uma história vivenciada. Por algumas pessoas que passara por esse processo de educação.



MÚSICAS E DANÇAS

Segundo o dicionário: A **dança** é uma ato artístico que envolve a expressão corporal, realizada por diversos movimentos. Essa ação pode ser acompanhada por música de diferentes ritmos. Dançarinos usam esse artifício para, na maioria das vezes, executarem apresentações sejam em teatros, ruas, ou em outros lugares. Já a **música** é uma manifestação artística e cultural de um povo, em determinada época ou região. A música é um veículo usado para expressar os sentimentos, combinação de ritmo, harmonia e melodia, de maneira agradável ao ouvido.

Para o povo Indígena a música e a dança se transforma no ritual do *tore* que é a manifestação da espiritualidade, gritos, protesto e conquista. Dessa maneira, entende-se que a dança indígena possui intenções diferentes de outras danças porque é uma dança sagrada e mostra prática que abrange cultura e costumes.

A dança *Toré* é popular entre os povos indígena do brasil e várias aldeias tem sua maneira de viver e apresentar o ritual. Além disso, é considerado o símbolo de maior união e resistência entre os índios brasileiro.

Escola Indígena Alto da Catingueira nessa aspecto tem desenvolvido projetos educativos que atenda a realidade do Povo Potyguara de Tamboril neste intuito tem-se elaborado de música.

A terra é do Índio mas virou guerra veio os portugueses e invadiram as terra e nós os povos fomos parar nas serras,
Olé Olá vamos lutar meus irmãos
Olé Olá somos índios somos cidadão
Autor: Antônio Rufino ex-aluno da EJA



O canto é a relação com as matas, com a espiritualidade e a relação com Deus e é tem significado profundo e sentimental e transforma-se em canto para a civilização, e para apresentar a dança é realizada ao som de maracás e do tambor com adereços cocar e colar dançando dando passos para o lado e o círculo vai rodando no próprio eixo. Neste sentido a roda do toré tem significado importante para cada Povo, devido letra da música apresentar a história de lutas e conquista da Aldeia. E Segundo Dorling Kimberley afirma que:

...Para criar as suas melodias e ritmos, os povos antigos se inspiravam no que ouviam, como os sons da natureza produzidos pelos animais ou pela água e a batida dos instrumentos de pedra. A música se tornou uma forma de se comunicar, se divertir, celebrar e até trabalhar de maneira eficiente. A música tribal não era escrita, mas transmitida oralmente a cada geração. O batimento, além do canto, os gestos, as palmas e a dança eram muito importantes na música tribal (KINDERSLEYL, 2011, pag.12).

Os sons musicais tem diversas maneira de acompanharam as melodias indígenas, seja no ritmo da dança como no canto. Aqui a música mostra um breve histórico da realidade da Aldeia Viração-Tamboril.



HINO DA ALDEIA VIRAÇÃO

É Viração, é Viração aqui se vive com alegria, é nosso chão, É Viração, é Viração,
Povo de fé, de resistência e União

Com a proteção da Virgem de Guadalupe que nos dar força e coragem pra
continuar na luta. Sua proteção nos anima a cada dia, ser fiel, leal e justo como
Jesus, nosso guia.

Somos Indígenas Povo forte do Sertão, Potiguara resistente da Aldeia
Viração. Nosso alimento, nossa terra, e nosso chão, nossa vida, nossa dança, nosso
canto e oração.

Temos a escola que ensina diferente, ilumina a consciência, reaviva a nossa
história, a gente aprende a cuidar do bem viver, educando nossos filhos em frente
sem demora.

Os encantados nos inspiram paz e força, superando o mal e a ira de quem
não quer ver o bem, nossa bandeira e de esperança e do amor, de igualdade, de
justiça, vida livre aqui também.

Maria Ciana mulher forte destemida cheia de sabedoria, boa semente aqui plantou, daí nasceram frutos bons que deram vida, liberdade e respeito para quem acreditou.

Autor Fernando Potiguara
Com correção de Padre Géu.

ESPIRITUALIDADE

Barcellos e Nascimento: Aponta

“A espiritualidade indígena está no ar, na chuva, no vento, na cachoeira, nas furnas e em tudo o que se vê, sente, ouve, concebidos pela natureza ou criado pelo homem. A religiosidade indígena está latente na intimidade com o mundo ‘mágico’ sobrenatural que é repassado de geração em geração pelos anciões Potiguara. (2012, p. 25)”

Pensa – se a espiritualidade como a busca constante pelo significado da vida a partir da conexão com o universo, no entendimento de equilíbrio emocional possibilitando uma visão com amor, paz, compaixão, reconexão, essência, felicidade e harmonia, nas rodas de escutas e trocas entre lideranças, Pajés, curandeiro e jovens nas suas falas ressaltam que a espiritualidade Indígena está ligada à harmonia e integração com a natureza, a comunidade, os parentes, os rituais, ainda se ressalta que a religiosidade e espiritualidade, após mais de 500 anos de intensa relação com outras religiões, especialmente as cristãs, construíram uma espiritualidade muito própria, nas raízes profundas de suas espiritualidades com elementos do cristianismo. Porém os resultados das observações feita nas rodas de conversas dar se conta que mesmo o cristianismo tendo adentrado as Aldeia neste caso a Igreja católica, na pessoa do Bispo Dom Frágoso, foi uma chegada de uma certa forma de apoios, leva se em conta que hora a igreja oprimiu, hora ela se apresenta com colaboradora,

“Os povos indígenas do Nordeste foram dos que mais sofreram com o avanço da civilização. Primeiros a serem contatados pelos colonizadores, foram logo batizados e incorporados aos trabalhos da nascente sociedade. Através de forma compulsória de mobilização serviram na construção de obras públicas e nos empreendimentos privados, sendo objeto de uma escravização camuflada. Deslocados de suas terras, tiveram que cruzar os sertões, buscar, seguidamente novas áreas de refúgio, constituir alianças antes impensáveis, modificar radicalmente seus costumes. Passaram a viver sob a proteção de outros, em terras de missão (mais tarde invadidas

e reduzidas) ou avassalados, em terrenos de que nunca eram os “donos” (OLIVEIRA, 2005, p.09)

Em meio a tantas privações de manifestações o povo não desistiu e portanto este mesmo Povo se mantém defendendo a importância de cultuar seus jeitos próprios de acreditar no Deus (tupã assim nomeado pelo o Povo), nos seus relatos percebe que os sonhos ruim são contados as plantas para que não aconteça nada de mal com o Povo daquela Aldeia, assim como também nas dificuldades que o Povo ou uma família estejam passando a mata é o local do recolhimento para buscar energias necessárias para enfrentar as situações, Deus Tupã está nas pedras, na água, no vento, nas formas que as nuvens no céu fazem, nas estrelas, na dança do tope, na hora da cura pela a reza do pajé. Uma inquietação são as proibições que as vezes algumas religiões querem impor, isso muitas vezes atrapalha os momentos de espiritualidade promovido pelo o Povo, pois influem na participação de quem se deixa levar por esses dogmas que as vezes igrejas pregam, há sempre momentos de reflexão para que não se perda a essência do Povo de como acreditar em” Deus” quando se canta as músicas indígenas, há um momento de invocação a Mae Tamain e pedido de licença aos encantados, pedido de força a natureza para realizar seus momentos de espiritualidade.

O povo Potyguara a partir da sua crença, luta e resistência, através dos alunos da escola Indígena Alto da Catingueira foi produzido o mito: A Origem da Água na Aldeia Viração.

A origem da água na Aldeia Viração

Há muito tempo existia uma aldeia localizada em cima de uma Serra, vivia um povo que se organizavam, se confraternizavam e realizavam suas manifestação culturais, o que lhe deixavam mais triste era a falta de água naquele povoado, eles precisavam descer a serra para ir buscar a água com distância de 3 léguas, a água era transportada em um Pote trazido na cabeça.

Maria era uma Índia muito querida e determinada, certo dia numa dessas buscas por água, enquanto subia a serra escorregou e despencou vindo a óbito, a notícia se espalhou por toda Aldeia, a deixando muito triste. Durante toda noite o povo se reuniu em torno do seu corpo, cantando e dançando e pedindo força a pai tupã.

A índia Maria foi enterrada no centro da Aldeia onde ficou considerado um local sagrado por todos os Índios

Um certo dia, um dos Índio da tribo sonhou com Maria ensinado a cavar poços e cacimbas pois a terra estava fértil, seu corpo havia se transformado em um rico lençol freático.

Ao amanhecer o índio contou a Aldeia o seu sonho, a notícia se espalhou, e o povo começou a cavar o chão e veio comprovação do sonho do índio.

Desde este dia nunca mais faltou água na Aldeia e a Índia Maria é Lembrada com muito respeito.

AUTORES

MARIA CLARA 5º ANO

ANTÔNIO VINICIUS 9º ANO

MARIA EDUARDA 7º ANO



Os mitos são fundamentais porque contribuem para dar o significado da vida, da práxis cotidiana dos povos, delimitam territórios, trazem memórias das gerações antigas, dos conflitos, das guerras, das desgraças e de tudo o que aconteceu nos diferentes períodos históricos. Em suma, solidificam, perpetuam a identidade étnica pois, através do mito, o povo primeiramente se vê a si mesmo, relaciona-se com o outro, com a cultura, com a natureza, com a dimensão sagrada e consegue descobrir o equilíbrio e a plenitude da vida. (BARCELLOS, 2014, p. 28).

Em relatos .” celebramos a festa em homenagem a Virgem de Guadalupe de 02 a 12 de Dezembro, porque ela apareceu a um Índio chamado Juan Diego, no Mexico, quisermos fazer nossa igreja arredondada para trazer o sentimento de círculo espaço onde todos estamos em situação de Igualdade, e em nossos momentos trazemos nossos cantos, danças e oração do Povo” José Chico Potyguara- Liderança

OS LOCAIS SAGRADOS

Lugares sagrados estão relacionados com as crença, locais com significado especial para determinada religião. Os locais são declarados sagrados conforme tenha ocorrido algum evento especial ou divino. Para o povo Potyguara da Aldeia Viração, locais sagrados são aqueles que traz na sua história a resistência do Povo, os olhos d'águas espaço de luta para conseguir a água do consumo, local como o que Maria morreu na busca d'água,

MEDICINA TRADICIONAL

Medicina tradicional é o conjunto de práticas em saúde desenvolvidas antes do que se classifica como medicina moderna (ou convencional) e que ainda hoje são praticadas por diversas culturas em todo o mundo.



“Esta planta cura 150 doenças, como diabetes, pressão alta e gastrite. É preparada como infusão ou dissolvida em água e deve ser tomada todos os dias”, afirma o indígena mexicano Clemente Calixto (foto), enquanto agita um ramo de folhas verdes. Esse médico tradicional, do povo mazateco, elogia a fumária (Fumaria officinalis), também conhecida como sangue de Cristo, uma das mais de três mil plantas usadas frequentemente nesse país para tratar várias doenças”.

Para as Populações Indígena do Povo Potyguara de Tamboril a medicina tradicional é de suma importância, atualmente na Aldeia só tem uma Pajé curandeira, que cuida da saúde do Povo, suas cura se dar com Plantas medicinais. A mais procurada é as garrafada com a erva esqueleto, está com de grande poder de cura, relata se cura de pessoa com CA inicial ser curada.

“Já foi quatro pessoa, já foi curada com este remédio o litro da erva do esqueleto. Ele é muito bom! Ele cura e evita. A pessoa bom todos os ano pode tomar um litro, evita desenvolver a célula do câncer. “

Depoimento da Pajé Fatima

A pajé também apresenta o barro como uma



RECEITA DA ERVA ESQUELETO

INGREDIENTES

30 gotas do leite de esqueleto

02 litros de agua

MANUSEIO DA PLANTA

Ao tocar na planta para retirar o leite não tocar no rosto e olhos pois causa cegueira.

MODO DE PREPARO

Colocar as 30 gotas da erva em um litro de agua, após a mistura feita encher um copo de 200ml e colocar em outra garrafa de 1lt e completar com agua.

MODO DE USAR: tomar meia xicara durante a manhã e outra durante a noite.

ORIENTAÇÕES

Para prevenção tomar uma garrafa uma vez ao ano.

Em caso de sentir sintomas tomar conforme melhora

seguir receita:

“ Receita do Barro

Modo de preparo:

Tira meio metro de profundidade de barro do chão

Pisa no pilão e peneira

Guardar dentro de pote de vidro ou de barro

Armazena e Vai tirando a quantidade de acordo com a necessidade.

Modo de uso: colocar agua para ferver e acrescentar barro até virar “mingau”

Coloca dentro de um pano de algodão limpo e dobra e coloca sobre a dor/ferimento

Retirar quando secar o barro”

CONSIDERAÇÕES FINAL

A cartilha retalho da história proporciona e oportuniza um olhar voltado para o fortalecimento da história dos potiguara de viração, que sempre lutou e continua lutando para viver com harmonia respeitando e fortalecendo o espaço de rituais,

canto, dança, espiritualidade e reafirmação da identidade. O desejo de um Povo é que todos compreendam seus direitos e deveres e que sejam garantidos respeito e a valorização do jeito de ser, se organizar e se confraternizar.

As rodas de conversas nos Objetivou mostrar alguns pontos fortes que são vivenciados dia a dia na aldeia, sempre buscando a valorização das memórias e saberes dos troncos velhos que é rico em sabedoria, a coragem lhes incentivam a continuar lutando para preservar os pontos que traz a história viva do povo.

Por tanto essa cartilha vai servir como fonte de pesquisa para alunos da escola Indígena Alto da Catingueira, educandos dos municípios da circunvizinhanças e Pesquisadores, para dar visibilidade, da importância que é para o Povo Potiguara da Aldeia Viração manter se firme nas suas lutas, valorização e reafirmação dos seus costumes: crenças, rituais e forma de se organizar.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, Lusival; **NASCIMENTO**, José Mateus do; **SILVA**, Paulo Roberto Palhano et al. A espiritualidade do índio Potiguara. In: **NASCIMENTO**, José Mateus (org.). Etnoeducação Potiguara: pedagogia da existência e das tradições. João Pessoa: Ideia, 2012. 162 p.

KINDERSLEYL, Dorling. Música para Crianças. Trad. Eric Heneault e Francisco J.M. Couto. São Paulo: Publifolhinha, 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Prefácio. In: GRUNEWALD, Rodrigo de Azevedo (org.) Toré: Regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Fundaj: Editora Massangana, 2005. 330 p.



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CURSO: LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA KUABA

Folha de aprovação (TCC)

MARIA CLEONICE PEREIRA DOS SANTOS
MARIA ELIZA PEREIRA DOS SANTOS
SIMONE RODRIGUES DOS SANTOS

Retalhos da História do Povo Potyguara de Tamboril

Trabalho de conclusão de curso de
Licenciatura Intercultural Indígena –KUABA da
Universidade Federal do Ceará, como requisito
de à obtenção do diploma de graduação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Mestre em Antropologia indígenas - Cacika Irê - Universidade Federal do Ceará UFC

Prof. Suzenilson- doutorando - UNILAB

Orientador: Prof. Dr. Carlos Kleber Saraiva de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- P539r Perreira dos santos, Pereira dos Santos e Rodrigues dos Santos, Maria Cleonice, Maria Eliza e Simone.
RETALHOS DA HISTORIA DO POVO POTYGUARA DE TAMBORIL : CARTILHA CULTURAL / Maria Cleonice, Maria Eliza e Simone Perreira dos santos, Pereira dos Santos e Rodrigues dos Santos. – 2023.
18 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba, Fortaleza, 2023.
Orientação: Prof. Dr. Dr. CARLOS KLEBER SARAIVA.

1. HISTORIA DO POVO POTYGUARA DE TAMBORIL. I. Título.

CDD 305.898098131
